

JF

FUGAS | Público N.º 12.385 | Sábado 30 Março 2024

China

O exército
de terracota de
Xi'an revelou-se
ao mundo
há 50 anos

Ílhavo
Um passeio
na Vista Alegre, do teatro
ao campo de futebol

Páscoa
O borrego quer-se
assado, mas também
vai bem em bifanas





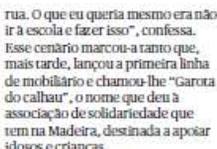
Inês Duarte de Freitas

Quando se nasce numa ilha no meio do Atlântico, “não há horizonte” e o mar é uma “infinitude de possibilidades”, diz a madeirense Nini Andrade Silva, nome maior do design de interiores em Portugal (e não só). Fez carreira internacional e já assinou casas e hotéis por todo o mundo, mas volta sempre à ilha, fazendo questão de manter o sotaque intacto. “Nunca quis ser igual a ninguém. Os outros se quisessem é que podiam tentar ser iguais a mim”, declara.

Quem vê a obra de Nini não imagina que, por trás, há uma mulher pequena de sorriso infantil e olhos brilhantes. Aliás, chegam a não acreditar que ela é mesmo “a” Nini Andrade Silva, premiada designer portuguesa, oficial da Grande Ordem do Infante D. Henrique desde 2011. “As pessoas vêem uma coisa especial e não conseguem conceber que uma pessoa simples o possa fazer”, reconhece, confidenciando que se vestiu de preto para a entrevista e sem maquilhagem para se apresentar tal como é. Mas não é encajado só para este momento. Onde quer que a encontremos, Nini está vestida de branco ou de preto, com linhas simples, tal como as roupas que desenhava na adolescência.

Foi por ter crescido numa família “livre” que as artes começaram a florescer dentro da madeirense. Filha de dois professores, a mãe tinha uma escola em casa, que os filhos frequentaram juntamente com outras crianças – à exceção da rebelde Nini. “Ao fim de duas semanas, a mãe disse-me que tinha de ir para o colégio por me comportar mal. Eu punha-me em cima das secretárias e dizia: ‘Vamos gritar porque a professora não está’”, conta, entre gargalhadas.

O desejo de viver em liberdade fazia com que invejasse “os garotos do calhau”, como se chamavam localmente as crianças pobres que pediam no porto, aonde chegavam barcos de todo o mundo. “Esses miúdos passavam muito tempo na



rua. O que eu queria mesmo era não ir à escola e fazer isso”, confessa. Esse cenário marcou-a tanto que, mais tarde, lançou a primeira linha de mobiliário e chamou-lhe “Garota do calhau”, o nome que deu à associação de solidariedade que tem na Madeira, destinada a apoiar idosos e crianças.

Das memórias de infância, destaca a casa dos pais, a que “mais gostou no mundo”. E justifica: “Não era a casa, nem as paredes, mas era a família, os irmãos, a avó. Tínhamos um grande jardim, que era maravilhoso.” No seu quarto, tinha uma parede dedicada à criatividade, “que podia pintar, colar coisas e apagar tudo”. Golava bilhetes das viagens que ia fazendo com a família, “do continente”, mas também desenhava o sol, as árvores ou flores da floresta Laurissíva. “Não aprendi a ser assim, nasci assim. A Madeira moldou-me a acreditar na felicidade.”

Sem precisar de sair da ilha começou a desbravar o mundo. Um dia jornalista apresentou-lhe os primeiros livros sobre arte. Na

adolescência, namorou com um dos Kiekeben, uma das famílias mais emblemáticas da Madeira, conhecida por ter iniciado o negócio das tapeçarias. “Vendiam os maiores designers americanos e fui com eles a Nova Iorque para os conhecer”, detalha.

A experiência alargou-lhe os horizontes e, mal terminou o curso no IADE, em Lisboa, fez novamente as malas – “sempre quis ser internacional, para me comparar com o mundo” – para estudar de novo na Dinamarca, em Londres, Paris, na África do Sul. “Os Kiekeben puseram-me na cabeça que o futuro estava na Ásia e que, para crescer, tinha de ir ver o que lá se fazia.” E assim foi: sozinha percorreu a Tailândia, as Filipinas ou o Japão, quando a tecnologia não facilitava a distância como hoje. “Andava sempre de cabelo apanhado, não me maquilhava e vestia-me de forma simples para passar despercebida”, reaviva.

“Minimalismo”

“Foi à Ásia que me deu muita força para o trabalho, o silêncio, a luz. Mas tinha a minha identidade e nunca a mudei”, insiste. Começou a fazer projetos para casas em todo o mundo e o primeiro prémio internacional de design, em 2000, foi conquistado com a sua própria casa na Madeira. “Quis fazer tudo a minha maneira, portanto, foi fantástico perceber que alguém gosta daquilo que eu gosto.” Com os clientes nem sempre é tão simples. “O nosso trabalho é levar as pessoas aonde elas querem ir, mas ainda não sabem onde é. Uma peça faz uma casa, como um cinto e uma bolsa faz uma roupa.” E aconselha: “As pessoas devem escolher os profissionais com que mais se identificam porque vão contrair-nos a sua vida. Entramos na casa deles e trabalhamos juntos durante pelo menos três anos.”

Um dos seus poucos clientes conhecidos é o banqueiro António Horna Osório, que apresentou, no final de 2023, o livro homónimo que reúne as obras de Nini Andrade Silva, editado pela Utina. De resto,

pouco se sabe sobre de quem são as casas assinadas por Nini.

“Respeitamos muito a privacidade e não publicamos as casas, daí que sejamos mais conhecidos pelos hotéis.” Tudo começou em 2007, quando assinou o afamado Aquapura do Douro (agora Six Senses).

“O hotel dá-nos escala e liberdade. Uma casa é para quem vai viver ali dentro. Um hotel tem de agradar a várias pessoas, portanto dá para misturar muitas coisas”, reflecte, lembrando que os hóspedes procuram cada vez mais “diferença e experiências novas”. E auto-imitula-se: “Nos somos contadores de histórias.” Na Colômbia, onde assinou oito unidades do grupo Movich, foi “condecorada pelo governo” pela utilização do artesanato nacional. “Cada stio é diferente e tentamos tirar o melhor de cada um.”

A assinatura irrevérente da designer não demorou a ter sucesso e já decorou mais de 30 hotéis, incluindo o Vila Fox, no Porto, o WC Beatique ou o dos Reis, em Lisboa, o Palácio do Governador, também na capital, ou o afamado Savoy Palace, no Funchal, e o Saccharum, igualmente na Madeira. “Quando comecei, usava-se um estilo clássico e não aceitavam assim tão bem o que desenhávamos”, recorda, garantindo que essas críticas nunca a afecaram.

Vai reunindo uma legião de fãs que faz ruídos de hotéis para conhecer o seu “minimalismo”. “É um minimalismo com alma.” O termo tem ficado no ouvido e arêvai dar nome a uma cadeira universitária neste ano, ainda que a designer se recuse, para já, a adiantar mais detalhes. “É a minha maneira de ver o design.”

Nem sempre os artistas atingem esse nível de reconhecimento em vida – “é um privilégio”. Mas não é por acaso que fala sempre no plural ao longo desta conversa, porque é a equipa, dividida entre Lisboa e Funchal, que atribui grande parte do mérito. Eles tornam realidade as suas ideias mirabolantes. “A Nini somos todos nós.”

Todavia, tem uma visão



Resposta rápida

Como foi estudar design nos anos de 1980?

Cheguei a Lisboa e tudo era diferente. Fazia-me confusão andar no autocarro e andar nus rua e não conhecer ninguém. Os meus amigos diziam que o meu curso não era curso. Uma vez, um amigo que estava a tirar medicina disse-me: ‘O teu curso não são os celestres, são banquinhos.’

Tem medo que a inteligência artificial roube ao lugar aos designers?

O design é cada vez mais importante. E acho que, com a inteligência artificial, os artistas são cada vez mais uma profissão de futuro. Podemos pôr a inteligência artificial ao nosso serviço.

Tem medo de envelhecer?

Nenhum. Tenho medo de ficar doente, mas não tenho medo de morrer, nem de envelhecer. Aliás, acho que não vou envelhecer, a não ser que fique com Alzheimer. Ah, vou envelhecer sem perceber e já não é preciso ter medo.

pragmática quanto ao futuro.

“Tenho uma marca que se chama Nini Andrade Silva e terá de continuar assim, como a de outras tantas pessoas que já morreram. Quero deixar alguma coisa para os que hão-de vir”, declara. De resto, não tem medo de envelhecer ou de morrer, por acreditar que a vida continua noutra dimensão. “A minha madrinha de criança é Nossa Senhora de Fátima. Sou uma pessoa de fé e muito bom.”

“Estou a falar consigo e penso que tenho 20 anos. Se passar num espelho vejo que não tenho”, diz, com humor. Quando deix ar de percorrer o mundo, talvez possa ser encontrada no Design Center, a galeria de exposições que fundou na Fortaleza da Nossa Senhora da Conceição, no Funchal. Seja como for, termina com uma promessa: “Quero morrer de pé, a trabalhar.”

Nini Andrade Silva

A madeirense que leva o design ao mundo, um hotel de cada vez